

Pedro Veludo &  
Vanessa Maia

# A Banda do Chapéu

Ilustrações  
Gabriel Paz



# **A Banda do Chapéu**

Revisores:

**Anete Trajman** (Coordenadora do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde da Universidade Gama Filho e Adjunct Professor da McGill University)

**Ana Paula Queiroz Arêas Marques** (Médica, Hematologista Pediátrica pelo Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira/HEMORIO)

**Deise Lucide Costa Lima** (Técnica de Enfermagem com mais de vinte anos de experiência na área de hematologia pediátrica/HEMORIO)

**Deise Martins** (Psicóloga, Especialista em Saúde da Criança e do Adolescente pelo Instituto Fernandes Figueira)

**Laura Jane Gonçalves Neumann** (Assessora de Projetos da Fundação Pró-Hemorio, Mestre em Serviço Social)

**Mônica Rozendo** (Enfermeira, Chefe do Setor de Enfermagem em Pediatria do Hemorio, Especialista em saúde da criança e do adolescente pelo Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira)

**Cláudia Pires dos Santos** (Pedagoga, Especialista em Educação Inclusiva)

Texto:

**Pedro Veludo &**

**Vanessa Maia**

Ilustrações:

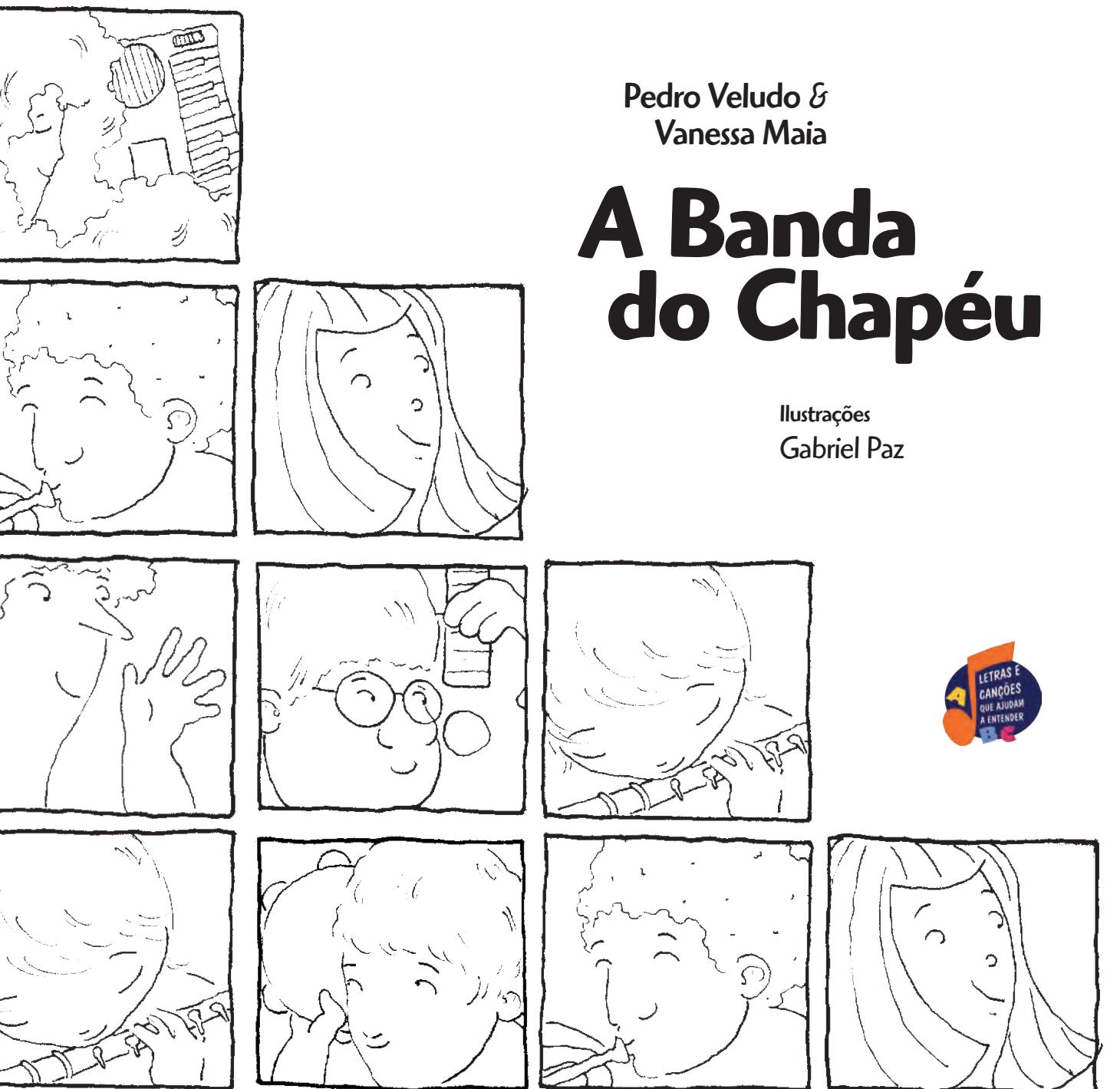
**Gabriel Paz**

Designer Gráfico e Diagramação:

**Rogério Simonetti &**

**Gabriel Paz**

## FICHA CATALOGRÁFICA



**Pedro Veludo &  
Vanessa Maia**

# A Banda do Chapéu

Ilustrações  
**Gabriel Paz**



## **Apresentação**

O livro-CD *A Banda Do Chapéu* conta a história de Joana, uma criança alegre e criativa que é surpreendida pela doença e precisa ser hospitalizada para tratamento de saúde. Compor, cantar e tocar são atividades que ajudam Joana no enfrentamento dessa fase de sua vida. As músicas citadas no texto podem ser ouvidas no CD que acompanha o livro, podendo ser cantadas individualmente ou em apresentações grupais com o auxílio dos playbacks.

Desejamos que os profissionais de saúde ou educação, voluntários, contadores de histórias, parentes e amigos estejam atentos e receptivos aos sentimentos, ideias e dúvidas que as crianças, porventura, venham expressar durante a leitura, a escuta do CD, especialmente se elas estiverem vivenciando uma situação parecida com a de Joana. Acreditamos que aliando os aspectos lúdicos, didáticos e artísticos ao diálogo, teremos uma estratégia potencialmente transformadora de educação em saúde e humanização do tratamento pediátrico.

## **Agradecimentos**

A todos os profissionais das áreas de saúde, música e educação que apoiaram e contribuíram de alguma forma para a realização desse trabalho:

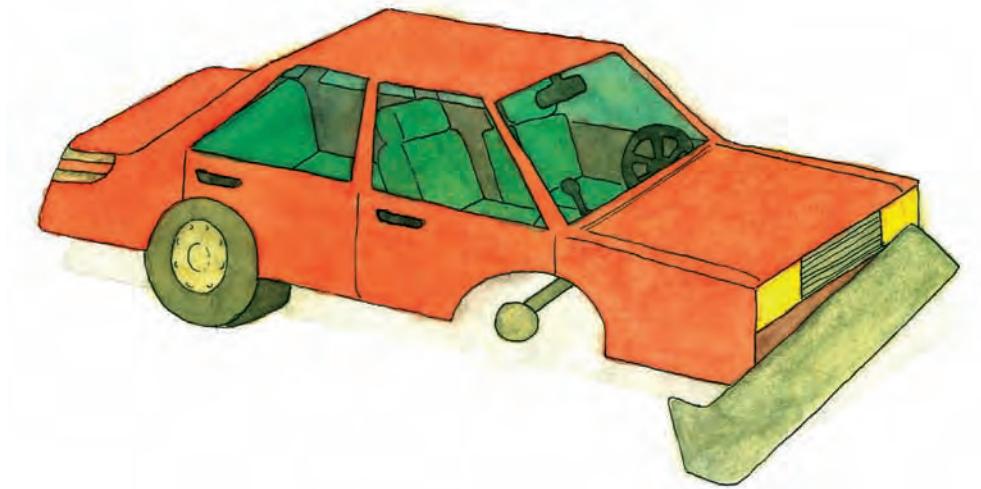
Patrícia Serrão Abelha  
Elisângela de Souza  
Marcia Helena da Silva Ramos  
Mayra Lameirão  
Kátia Geluda  
Soraya Rouxinol  
Ismael Patriota  
Sônia Regina de Souza  
Kamila de Souza  
Marta Gomes  
Regina Zuim

Vânia Cristina Reis  
Juliana Mattos  
Renata Souza Pereira da Silva  
Juliana Lira  
Thais Araújo Nery  
Célia Alves Pinto  
Ana Paula Bueno  
Roberta Costa Marque  
Laurenice Pires  
Rodrigo Capistrano  
Simone da Silva da Silveira

A close-up illustration of a young girl with vibrant orange hair styled in pigtails. She has a joyful expression, with her eyes closed and a wide smile. She is wearing a light green long-sleeved shirt. In her hands, she holds a small red toy car with yellow stripes on the roof and bumper. The background is plain white.

# Capítulo 1

# Uma Peça com Défrito



Por onde andará Joana?

- Não deve ser nada de mais – afirma Pedro. – Ela está doente e pronto! Por acaso você nunca teve gripe?
- Mas não é gripe, é... é... não sei – gagueja Davi.
- Hum... deve ser alguma coisa mais grave que gripe, foi o que escutei meu pai falar – afirma Bia.
- Faz dois dias que ela não aparece. A nossa banda está desfalcada – lamenta Pedro.
- Vai ver que é alguma doença que pode passar para a gente – acrescenta Mateus – se não, por que ela sumiria?
- Não, nada disso, não é contagioso – continua Bia –, meu pai disse que o que ela tem não passa de uma pessoa para outra. Mas, não sei o que é.

Bia, que costuma ser a mais esclarecida do grupo, está com dúvidas. Os meninos não sabem o que pensar. Moradores do mesmo bairro, Bia, Joana, Pedro, Davi e Mateus são amigos inseparáveis. Mais ou menos da

mesma idade, eles estudam juntos, lancham na casa uns dos outros e se divertem, ora na rua, soltando pipa e brincando de pique ou amarelinha, ora em casa, jogando videogame e outros jogos no computador. E fazem parte de uma banda de música do bairro.

- E se fôssemos até a casa da Joana? – pergunta Davi.
- Boa ideia! E levamos os instrumentos – concordam Bia e Mateus.

Decididos a descobrir o que se passa, cada um pega o seu instrumento musical e se dirigem à casa da amiga.



Dona Arlete, mãe de Joana, abre a porta:

- Entrem, meninos, entrem. Sei que vêm por causa da Joana, não é?
- Sim – respondem em coro. – Ela está sumida.
- Mas... olha ela ali! – aponta Dona Arlete, mostrando o sofá da sala.

Correm todos para Joana e trocam muitos abraços.

- Sei que vocês querem saber por que ela sumiu de repente, não é?

Os meninos respondem com acenos afirmativos.

- Bem, o que se passa é o seguinte: a Joana está doente. Sabem quando uma parte do nosso corpo enguiça?

Eles se entreolham e depois se viram para a amiga. Devagar, fazem que não com as cabeças. Querem saber mais. Que história é essa de uma parte do corpo enguiçar?





– Enguiçar, dar defeito. Assim como um carro, por exemplo, entendem? – prossegue Dona Arlete.

Mas os meninos não estão entendendo...

– Para que serve o carro? – interroga, para logo a seguir responder:

– Serve para levar as pessoas aonde elas querem ir, não é? Para que possam chegar mais rápido! – exemplifica a mãe de Joana.

Ela explica, então, que um carro tem uma porção de peças: o motor, o volante, os bancos, os faróis, a buzina, os freios, as rodas... e que todas essas peças têm que estar funcionando muito bem para que o carro possa transportar as pessoas com conforto e segurança.

– Já imaginaram um carro sem rodas? Ou sem motor? – interroga ela.

– Carro sem motor não anda – responde Pedro –, nem sai do lugar...

– Isso mesmo, nem sai do lugar. E se não tivesse bancos? Onde é que as pessoas se sentariam? Para o carro funcionar bem, todas as peças têm que estar em perfeito estado.

– Todas as peças mesmo – afirma Joana. – Imaginem o que aconteceria com um carro rodando sem freio!

Os meninos riem. Joana ri junto.

– O carro ia andar, andar e nunca mais ia parar – completa Mateus.

Caem todos na gargalhada.

– Pois é. O que acontece com um carro, acontece também com o corpo humano.

Todas as peças precisam funcionar bem. Todas! Quando uma parte do corpo não está funcionando como

deveria, quando dá um defeito, é porque a pessoa tem uma doença – esclarece Arlete e, passando o braço por cima dos ombros da filha, prossegue explicando que a doença, o defeito na peça, pode aparecer por vários motivos.

– A gripe e a diarreia são doenças que passam rápido, não? – questiona Bia.

– Sim, essas passam rápido, felizmente. Mas, voltando ao carro, o que o dono faz quando fura um pneu?

– Leva ao borracheiro – afirma Pedro, de pronto.

– Isso mesmo! É um defeito que se conserta rápido.

– É como se fosse uma gripe no carro – complementa Joana.



– Isso mesmo, minha filha. É uma doença do carro que se cura depressa. Mas, e se for um defeito maior, no motor do carro? O mecânico vai ter que examinar com atenção, vai ter que mandar vir as peças necessárias ao conserto e o conserto do carro pode demorar vários dias, ou semanas, ou até mais...

– O carro do meu pai ficou quase quatro meses na oficina porque estava faltando uma peça que eles não tinham – lembra Mateus.

– Pois é, Mateus. Com o nosso corpo, acontece a mesma coisa: uma parte dá um defeito em uma célula e esse defeito pode levar mais tempo para consertar.

– Uma parte do corpo? O que isso significa? – intriga-se Davi.

– Uma parte de dentro ou de fora do corpo. Os braços, as pernas, as mãos e ossos nós podemos ver, não é mesmo? Mas tem órgãos que ficam dentro do corpo. Por exemplo, o coração é um órgão.

– Os pulmões, o estômago, os intestinos, são órgãos também, não é? – Bia quer saber.

– Os intestinos? – pergunta Pedro, torcendo o nariz.

– Sim, todos eles são órgãos. Por que você fez essa cara, Pedro? – admira-se Dona Arlete.

– Ah... sei lá... os intestinos...

Riem todos e dona Arlete continua:

– Então, por isso, a Joana sumiu estes dias. Ela esteve fazendo consultas e exames no hospital.

– Sei – diz Pedro, com ar brincalhão – e nós pensando que ela estava brigada com a gente, ou com a banda...

– Nada disso – respondem, ao mesmo tempo, mãe e filha. – De qualquer forma, Joana precisa ser tratada.

– Com remédios, não é? – procura saber, Davi.

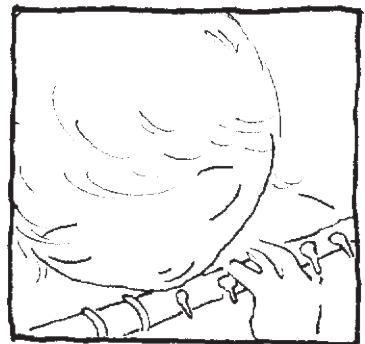
– Isso mesmo, mas às vezes, a criança toma um remedinho e fica logo boa, outras vezes, não. Como o carro do pai do Mateus, que ficou meses no conserto, a criança pode ter que ficar algum tempo no hospital.

– É o que vai acontecer com a Joana? – Bia interroga, curiosa.

– Sim – Dona Arlete abraça a filha com força –, é o que vai acontecer com a Joana.

– E nós vamos poder ir lá brincar com ela, tocar e cantar? – pergunta Pedro.

– Não sei meninos, não sei... – responde Dona Arlete, reticente – ela vai precisar descansar.



A conversa prosseguiu. Dona Arlete continuou matando a curiosidade dos meninos. Eles queriam saber mais sobre o corpo humano e como Joana estava se sentindo com tudo isso...

Joana e Dona Arlete falaram sobre os seus sentimentos. Os sentimentos são uma grande diferença entre pessoas e carros, hospitais e oficinas... As crianças sentem alegria e tristeza, medo e coragem, riem e choram. E você amiguinho? Como acha que Joana estava se sentindo ao ir para o hospital?

– Agora entendi tudo – conclui Pedro.

Os outros meninos concordam.

– Mas está ficando tarde. Os pais de vocês devem estar preocupados...

– É mesmo! E não deu nem para tocarmos juntos um pouco. Trouxemos os instrumentos, mas... – lamenta Mateus.





– Fica para outra vez. – E voltando-se para a filha, Dona Arlete convida: – Vamos combinar o seguinte: amanhã a Joana vai para o hospital e vai precisar ficar lá algum tempo. Que tal um lanchinho de despedida, com música e tudo?

– Oba! E com bolo de chocolate? – perguntam, ansiosos.

– Com bolo de chocolate, brigadeiros e tudo o mais!

Satisfeitos, os meninos se despedem de Joana e Dona Arlete.



No dia seguinte foi aquela festa! Tocaram juntos, cantaram e comeram o bolo de chocolate inteirinho!  
Bia levou um ramo de flores e os meninos juntaram o que restava de suas mesadas e compraram uma linda boneca para Joana.

– E quando a Joana voltar, fazemos outra festa, não é mesmo? – quis saber Davi, mastigando o último brigadeiro.

– Claro que sim. E com mais brigadeiros... – prometeu Dona Arlete, com um sorriso.

– E enquanto o Davi mastigava o último brigadeiro, escutem só o que eu fui compondo – surpreende Bia, com fingido ar de censura:

*"Por que a criança vai pro hospital?  
Quem é que sabe responder?  
Ela vai pro hospital quando tem uma doença  
Ela vai quando precisa se tratar!"*





Os garotos pegam logo os instrumentos e começam a acompanhar o canto de Bia. Joana faz um belo solo na flauta.

– Ah!, ficou ótimo, gente! Lindo! – Pelo menos agora eu entendo porque tenho que ir para o hospital.

Depois do lanche, foi a despedida.

E enquanto todos acenam, Joana, da janela do carro, abana a linda boneca nova. Ela se sente triste pois não queria ir para o hospital, mas ao mesmo tempo está feliz pelo presente que ganhou e por ter tantos amigos queridos.



A close-up illustration of a woman with long brown hair and a young child with red hair. The woman is smiling and looking down at the child, who is wearing a white shirt and green pants.

## Capítulo 2

# Xô... Xô, Medo !



Os meninos estavam eufóricos. Ia ser um domingo especial: Dona Arlete, a mãe de Joana, tinha conseguido uma autorização para levar a banda de música deles ao hospital. Joana estava internada há uma semana e seus amigos andavam cheios de saudades.

– Oba! Levamos os instrumentos musicais? – perguntou Pedro, quase gritando de alegria.

– A flauta da Joana, a senhora vai levar? – interrogou Mateus.

– E ela vai poder tocar? – quis saber Bia.

As perguntas, feitas ao mesmo tempo, deixavam Dona Arlete sem saber para onde se virar.

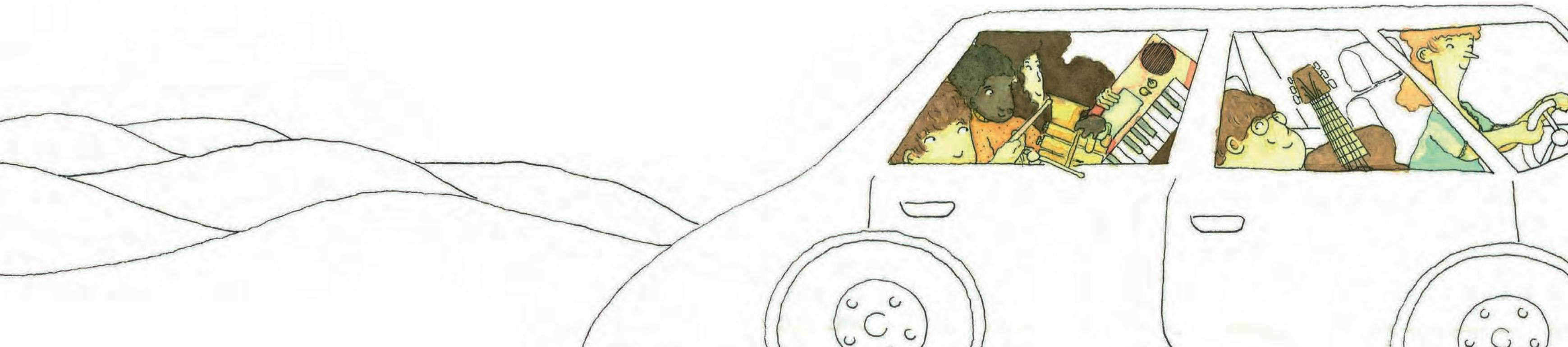
– Sim, levem os instrumentos, vocês vão tocar para as crianças que estão internadas. Mas... a flauta dela...

– Ah, leva, leva sim – pedem Bia e Davi, em coro.

– Hum... está bem – diz Dona Arlete. – Joana está nos esperando, com outros coleguinhas, na sala de recreação.

Os meninos pularam de alegria.

– Mas não dá para fazer essa bagunça no hospital, entenderam? – alerta, a mãe de Joana.  
Os garotos concordaram.





Já no hospital, percorrendo os corredores, iam um pouco apreensivos, em silêncio, os olhos muito abertos. As paredes brancas, as pessoas de jaleco branco circulando de um lado para o outro, maqueiros empurrando doentes em cadeiras de rodas, por vezes um cheiro diferente, tudo era uma estranha novidade.

De vez em quando, alguém, de passagem, fazia um leve carinho num daqueles rostos sérios e brincava com um ou outro instrumento, fazendo os meninos abrirem sorrisos tímidos.

– Acho que estou com medo – sussurra Bia ao ouvido de Pedro.

– Medo? Nem um pouco... – diz Pedro, esbugalhando os olhos.

Dona Arlete ouviu, sorriu para eles, mas nada disse.





Na sala de recreação da pediatria, tiveram uma surpresa. Desenhos coloridos nas paredes, livros, lápis de cera, computadores com jogos, mesas com papéis e lápis espalhados, brinquedos...

- Nossa! – diz Mateus, observando tudo em volta.
- Que legal! – exclama Davi.

As crianças escutavam a história que uma voluntária contava.

- Olha só, Joana! Os seus amigos! – diz a contadora, parando de ler.

Assim que os vê, Joana levanta-se. Estava tomando soro, pendurado num suporte, onde havia outros equipamentos.  
Os meninos rodeiam a amiga e a abraçam, felizes.



– Que saudades, Joana! – diz Pedro, fazendo-lhe um carinho.  
– E eu? Pensei que nunca mais viriam me ver... quanto tempo!  
– Vê só essa borrachinha entrando no braço dela! – se espanta Pedro, apontando o suporte de soro.  
– É, cuidado com essa borrachinha, meninos – alerta uma das recreadoras.

Bia, Mateus e Davi olham o suporte, preocupados.

Bia não se contém:

– Essas borrachinhas com esses líquidos...

A enfermeira Sonia entra na sala de recreação a tempo de escutar o que Bia disse e acrescenta:

– Sem essas borrachinhas, como é que vocês acham que os remédios entrariam corpo?

Pedro, investigando o suporte, diz:

– É, parece uma boa ideia...  
– Ela não poderia beber os remédios? – opina Mateus.  
– Hum... mas acontece que há remédios que têm que entrar direto no sangue da pessoa, entendem?  
Então, usamos estas 'borrachinhas'. – Sonia muda de tom, e recepciona a todos –



**Bom dia, meus amiguinhos!**

Beija Joana na cabeça e a menina apresenta os amigos.

– Esta aqui é a minha enfermeira, a Sonia – Joana dá uma ênfase especial às palavras, e abraça a enfermeira.

– Agora, meninos, vamos falar do que vocês sentiram quando chegaram ao hospital? – propõe Dona Arlete, interrompendo Joana.

Os meninos fazem que sim com a cabeça... todos ao mesmo tempo.

– Deu medo – diz Mateus, olhando os amigos.

– Pois é – continua Dona Arlete –, o medo aparece quando não conhecemos as coisas.

– Mas aqui parece muito legal – diz Pedro, apontando a tela do computador – tem até o meu jogo favorito!

– E desenhos... adoro desenhar – acrescenta Mateus.

– Você tem medo do hospital? – pergunta Davi, virando-se para Joana.

– Eu tive, assim que cheguei, mas agora ele diminuiu.

– O medo aumenta quando não sabemos o que vai acontecer, não é? – complementa Sonia.

Joana responde que sim e diz que não é bom estar no hospital porque às vezes alguns exames e procedimentos causam dor. Mas mesmo assim ela entende que todos ali querem o seu bem.

– Nós sempre conversamos quando eu sinto medo. E aí eu entendo o que está acontecendo e crio coragem!

– Isso mesmo. Eu me lembro quando eu era menor e sempre chorava quando

ia ao dentista.

Mas agora como já sei como é... – diz Bia, encolhendo os ombros e fazendo um trejeito.

Dona Arlete faz um carinho no rosto de Bia.

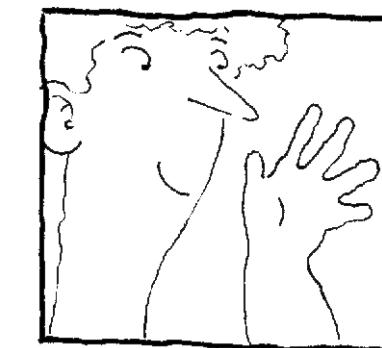
– Conhecendo melhor os lugares, as pessoas que trabalham aqui, os colegas, ganhamos confiança, não é mesmo, Joana? – pergunta Sonia, voltando-se para sua paciente.

– Sim. Difícil é na hora da injeção! Dá um medo danado! Faz a gente chorar antes mesmo de tomá-la. Mas, sabe o que eu reparei? – Os meninos fazem que não, com a cabeça. – Quando estou com coragem, parece que a injeção dói menos. Choro um pouco e depois a dor passa.

Todos riem e afagam a amiga.

– Olhem, vamos fazer o seguinte – sugere Sonia, quase sussurando. – Vamos dizer, todos ao mesmo tempo: Xô... Xô, medo!

E todas as crianças, em coro, sussurram: – Xô... Xô, medo! Xô... Xô, medo!





Xô... Xô, medo!

Riem e batem palmas.

- E agora, podemos tocar? – pergunta Davi, exibindo a caixa e as baquetas para a enfermeira.
- Podem, podem sim... mas, baixinho.
- Tenho uma novidade – conta Joana, fazendo certo mistério.
- O que é? – pergunta Davi, enquanto os outros a observam, curiosos.
- Fiz duas músicas para a nossa banda. Estão aqui, ó – diz, apontando a própria cabeça.
- Duas músicas, tudo isso? – pergunta Bia.
- Sim, mas precisamos tocar juntos. As músicas não estão prontas ainda. Vamos? Vou tocando, cantando e vocês vão logo pegando o tom.



Algumas pessoas da equipe de saúde aproximam-se dos meninos.

- Já cantei para eles uma das músicas – informa Joana.
- É verdade. E a música é muito bonita, fala sobre o que cada profissional de saúde faz – confirma uma copeira que se aproximou do grupo.

Os garotos se admiraram... haveria assim tantos profissionais da saúde no hospital? Sonia explica que eles cuidam das crianças dia e noite, procurando resolver todos os problemas para que elas fiquem bem.

- Cada profissional faz a sua parte – explica Sonia.
- Igual ao que acontece com a banda de música de vocês, entendem? – continua Dona Arlete.
- Tocar em conjunto, afinados, como na banda de vocês, corresponde a cuidar, em conjunto, da saúde e do bem-estar das crianças!
- É, cada um faz uma coisa – explica Joana. – Será que agora posso fazer a minha parte? – pergunta, apontando a ponta da flauta que sai da bolsa da mãe.



– Sim, pode. Estamos todos esperando por isso – responde Sonia. Joana começa a tocar a música na flauta, intercalando a interpretação com o canto.

*"O trem da saúde chegou,  
Nele vamos embarcar.  
Meninos e meninas de qualquer idade  
A viagem vai começar!"*

Dona Arlete sorri. Enquanto a menina canta, aproximam-se a encarregada da limpeza e uma médica. Também o pai de uma criança se aproxima, amparando o filho. Mateus, Bia e Pedro acompanham a amiga com os seus

instrumentos. Bia tenta cantar, acompanhando, atenta, o movimento dos lábios de Joana. Ao final... – Está ficando ótimo, gente! Esse violão, Mateus, ficou lindo! Vou chamá-la de O trem da saúde e... – Joana lança um olhar tímido em volta – é dedicada a todo mundo aqui!

Todos aplaudem. Os meninos, juntamente com as outras crianças na sala, repetem o refrão.

Quando a apresentação da banda acaba, a enfermeira Sonia se aproxima de Joana:



– Bem, agora chegou a hora do seu remedinho, Joana.  
Joana começa a choramingar.

– Ah, outra vez? Outra vez, Joana? – repete a enfermeira Sonia.  
– Oh!, Joana, não chora... – pede Bia.

Os amigos ficam tristes ao verem Joana daquele jeito. Eles se entreolham sem saber o que fazer.

– Vamos lá, Joana – diz Sonia, segurando o remédio – você já tomou outras vezes...  
– Por que você não faz uma careta para ele? Assim ó... – sugere Pedro, fazendo uma cara feia.  
– Isso, encara o remédio, faz cara de má e... pronto! – encoraja Davi.  
– Toma logo! Nós vamos te ajudar – diz Mateus.

Joana faz uma careta para o remédio.

– Isso, isso mesmo – diz Davi, apontando a cara dela e rindo –, faz cara de bem malvada mesmo. Vamos lá!

Os meninos contam, em coro:

– Um, dois, três e... já!

Joana engole o remédio e todos aplaudem. Ela se sente vitoriosa.



– O gosto ruim passou rápido – ela diz, sorrindo.

Acompanhados de todas as crianças na sala de recreação, com Pedro fazendo gestos exagerados de maestro, eles cantam:

"Ele é ruim, mas eu tenho que tomar o remédio

Ele é ruim, mas é para me curar... o remédio

Ele é ruim, mas mamãe me dá um beijo e depois

O gosto passa, eu fico bom e tomo um sorvetão."

– Muito bom, mas já está na hora de a visita terminar – alerta Dona Arlete.

Eles se despedem de Joana, das outras crianças e dos profissionais de saúde ali presentes... e saem, sem

fazer barulho.

Desse dia em diante, as crianças passaram a tomar o remédio sempre cantando e fazendo a cara de mau que Pedro sugeriu.

E o medo? Ah, esse nem sequer voltou a chegar perto da enfermaria das crianças! Nem da sala de recreação, deixando todos felizes.

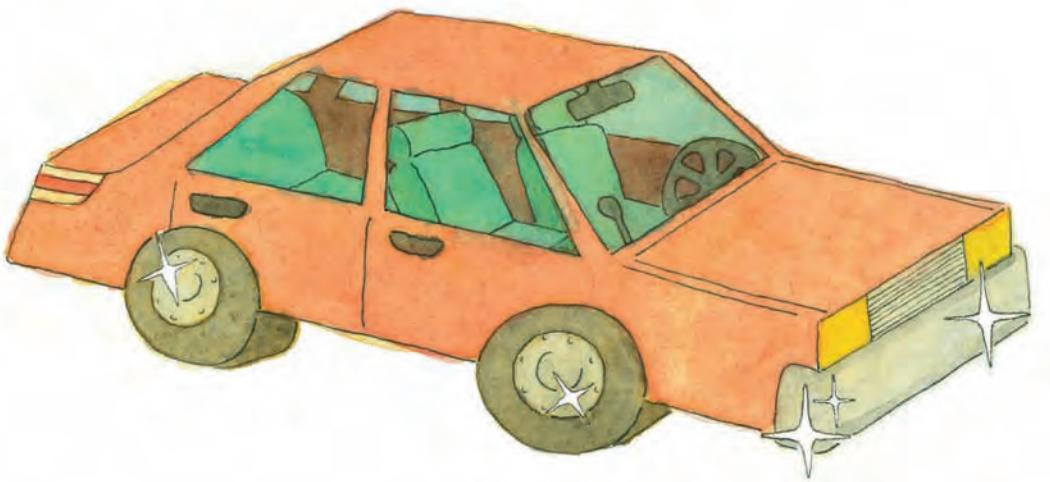
– Xô... Xô, medo! – repetiam todos, de vez em quando.





## Capítulo 3

# Joana Volta pra Casa



– Joana vai ter alta? Como assim, Dona Arlete? – pergunta Mateus, um pouco confuso. – A Joana... ela... vai crescer?

– Aqueles remédios que dão para ela no hospital fazem crescer? – insiste Davi.

– Não, nada disso meninos! 'Estar de alta' é ser liberada pela equipe de saúde e voltar para casa. Joana vai voltar na próxima semana.

– Oba! – exclama Bia. – Na semana que vem é o Dia das Crianças. Mas por que ela ainda tem que esperar uma semana?

– Por que ela não vem hoje mesmo? – interroga Pedro.

Dona Arlete explica que a filha vai precisar colocar um cateter antes de sair do hospital, para poder continuar o tratamento.



– Vejam bem, o tratamento da Joana não vai acabar quando ela voltar para a casa. Ela vai ter que voltar ao hospital outras vezes para fazer exames, consultas, quimioterapia...

– O que é quimioterapia? – quer saber Pedro, intrigado.

– São os remédios que a Joana está tomando para se tratar – diz Bia, com firmeza. – Não é, Dona Arlete?

– É isso mesmo. A quimioterapia ainda não acabou. Joana vai receber esses remédios fortes esta semana no hospital e depois no ambulatório, mas como as veias do braço estão fraquinhas, ela precisa do cateter para fazer a medicação por ele. Entenderam?

Todos balançam a cabeça, negativamente.

– Ambulatório faz lembrar consultório... não entendi nada – comenta Davi.

Dona Arlete sorri, e explica:

- Os consultórios fazem parte do ambulatório, que é o lugar do hospital onde as pessoas não ficam internadas. Sempre que Joana fizer quimioterapia no ambulatório, ela vai retornar para casa no mesmo dia.
- E o cateter? – interroga Bia.
- Sobre o cateter, vocês vão entender mais tarde, quando virem Joana com ele. Agora eu quero contar uma surpresa – acrescenta Dona Arlete. – A bandinha de vocês foi convidada para animar a festa do Dia das Crianças, lá no hospital!
- Viva! Viva! – exclamam todos.

– Joana mandou novas músicas que ela compôs para vocês ensaiarem. Todas falam sobre o tratamento – conta Dona Arlete.

As crianças pegam os instrumentos e começam a ensaiar, animadas, para o grande dia – a festa do Dia das Crianças no hospital.

Enquanto isso, na enfermaria, Joana se prepara para receber o cateter. A enfermeira Sonia aproxima-se da menina com uma bandeja cheia de coisas, entre elas, um cateter. Joana olha para ela, apreensiva.



– Não! Não é para você – e, apontando para a boneca que Joana segura no colo... – É para a boneca que você ganhou de seus amigos.

As duas riem. Sonia explica a Joana tudo o que vai acontecer quando ela colocar o cateter e, para que a menina entenda melhor, instala o cateter na boneca e brincam de fazer medicação através da borrachinha de colher sangue e de trocar o curativo.

– Vai, vai. Dói um pouquinho, mas passa logo – assegura Joana, falando com a boneca. – Não fica com medo... quando os meus amigos vierem me ver, eu vou contar a eles como você se comportou – conclui, acariciando o brinquedo.

– Amanhã será sua vez, minha linda! – informa Sonia.

Joana garante que agora tem mais coragem, porque sabe como funciona.

Sonia explica alguns cuidados que deverão ser tomados com o cateter e com a higiene em geral. A menina presta muita atenção, principalmente quanto a lavar bem as mãos depois de ir ao banheiro, para não pegar nenhuma infecção.



Uma semana depois, no dia da alta de Joana, os amigos encontram-na na sala de recreação da pediatria. Estão curiosos para entender como funciona o cateter! Joana mostra o peito, com o curativo próximo ao ombro.

– Dói? – pergunta Pedro.

– Doeu um pouco, na hora de colocar... Mas eu disse: xô...xô, medo! Criei coragem e pronto! – Joana sorri: – Agora, quando se mexe na borrachinha ou se troca o curativo, não dói nada!

Os meninos observam, sérios, o cateter no peito de Joana.

– Mas isto – continua Joana – é só para os remédios que não podem ser tomados pela boca. E... querem saber do que mais? Fiz uma música para o cateter! Será que dá pra cantarmos mais tarde, na festa?

É só falar em música que todos se animam.

Joana começa a cantar:

*"Já tive medo dele, mas eu não tenho mais  
Eu tenho um cateter para me tratar  
Quando a veia está fraquinha, ele entra em ação  
Um cateter venoso pra fazer medicação"*



Mateus, que está curioso desde que chegou, pergunta à Joana:

- Você... você está careca! Sabia disso?
- Isso eu estou careca de saber, Mateus!

Todos riem.

- O cabelo cai por causa da quimioterapia, que é um tratamento muito forte – esclarece a mãe de Joana.
- Quase todas as minhas amigas do hospital estão sem cabelos também. Algumas ficam tristes, mas eu assumi minha careca e agora uso este chapéu.
- É lindo! – admira-se Bia. – Vou pedir ao meu pai um chapéu desses.
- Hum... tive uma ideia! – interrompe Pedro. – A nossa banda podia sempre se apresentar de chapéu!

Todos concordaram e aplaudiram a ideia.

- “A Banda do Chapéu”... pode ser esse o nome da banda. Não estávamos procurando um? – pergunta Bia, animada.
- Ótimo! Vou arrumar chapéus para vocês usarem na apresentação de hoje – prometeu Dona Arlete.
- Joana! – exclama Davi, emocionado – Você continua linda!



O doutor Antonio entra na sala de recreação e vai logo dizendo:

– Então, quem é que vai embora hoje?

Joana ri, contente.

– Mas antes, é preciso que a senhora e a menina – recomenda o médico, voltando-se para Dona Arlete – prestem atenção ao seguinte: ao primeiro sinal de febre, retornem ao hospital.

E reforça:

– Se o corpo de Joana ficar quente, coloque o termômetro, Dona Arlete... Uma temperatura maior que 37,8°C é febre e pode significar uma infecção. A febre também causa moleza no corpo. Fique atenta, pois

isso tem que ser tratado sem demora. Estamos acertados?

Elas concordam.

– E me confirma uma coisa, Joana – interroga o doutor Antonio. – Ouvi dizer que você compôs algumas músicas sobre o tratamento, é isso mesmo?

– Sim, é verdade – responde a menina.

– É sim – confirma Dona Arlete.

– E sobre a febre, você compôs alguma?

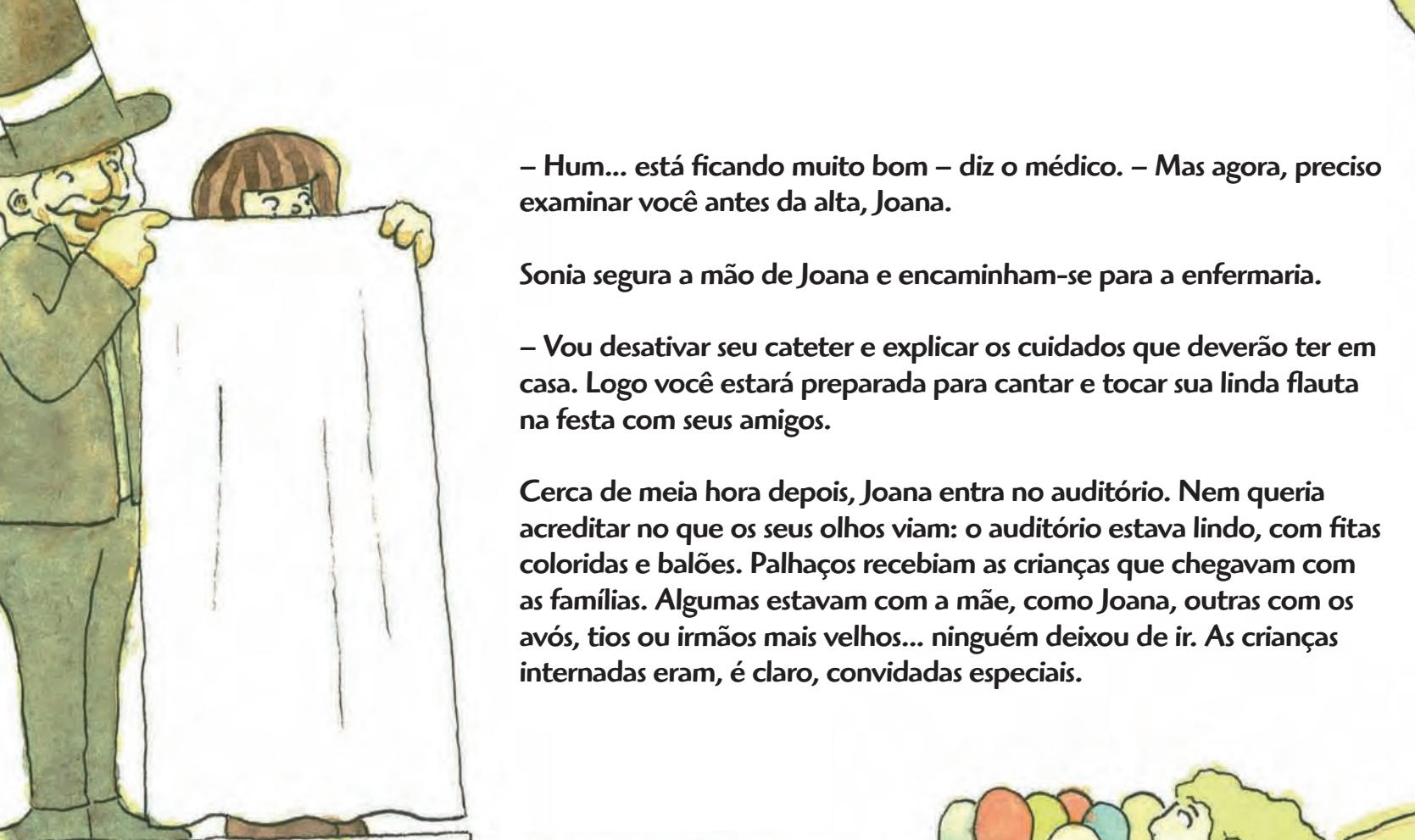
– Ainda não.

– Uma música sobre febre seria uma boa ideia. Poderíamos ensiná-la a todas as crianças – comenta Sonia, disposta a colaborar.

– Você me ajuda? Vê se pode começar assim:

*"Quente, quente, muito quente  
Essa febre persistente  
Quente, quente, muito quente  
Tô cansado, tô doente."*





– Hum... está ficando muito bom – diz o médico. – Mas agora, preciso examinar você antes da alta, Joana.

Sonia segura a mão de Joana e encaminham-se para a enfermaria.

– Vou desativar seu cateter e explicar os cuidados que deverão ter em casa. Logo você estará preparada para cantar e tocar sua linda flauta na festa com seus amigos.

Cerca de meia hora depois, Joana entra no auditório. Nem queria acreditar no que os seus olhos viam: o auditório estava lindo, com fitas coloridas e balões. Palhaços recebiam as crianças que chegavam com as famílias. Algumas estavam com a mãe, como Joana, outras com os avós, tios ou irmãos mais velhos... ninguém deixou de ir. As crianças internadas eram, é claro, convidadas especiais.

A comida estava liberada: tinha brigadeiro, maçã do amor, algodão doce, sorvete, pipoca, bolo, tudo preparado no próprio hospital. Uma equipe de voluntários distribuía presentes e todos estavam felizes. No palco apareceu um mágico que fez a enfermeira Sonia desaparecer e reaparecer na cadeira ao lado de Joana! Depois vieram os palhaços vestidos com jalecos de médico e inventaram várias doenças malucas para as quais eles tinham curas mais loucas ainda. As crianças riam a valer.



Foi anunciada a principal atração da tarde: A Banda do Chapéu.

Joana e seus amigos sobem ao palco, todos com lindos chapéus coloridos. Joana dedica as canções a todas as crianças do mundo que estão em tratamento e à equipe de saúde. A banda, animada, toca as canções O trem da saúde, O remédio, O raio X, A nebulização... sempre precedidas de algumas palavras de Joana:

– Quem aqui tem preguiça de escovar os dentes?

A maioria das crianças levanta o braço:

– Eu... eu... eu...

– Ah!, mas todos precisam ter a boca saudável, sem cáries e sem tártaro – assegura ela ao microfone. E que o cuidado com a boca é importante para prevenir infecções, principalmente para quem faz quimioterapia, pois há o risco de mucosite, feridinhas que podem aparecer e piorar se a boca não estiver limpa.

*"Hoje eu quero olhar a boca das crianças*

*Quero ver se sabem escovar os dentes.*

*Para não ter gengivite, cárie, mucosite*

*Você tem que aprender esta lição."*



A festa dura quase a tarde toda. No final, Joana faz uma homenagem especial aos doadores de sangue e despede-se dos amigos que fez no hospital. Está comovida e abraça, demoradamente, a enfermeira Sonia.

– Adeus, gente, foi muito, muito bom conhecer vocês... Muito bom...

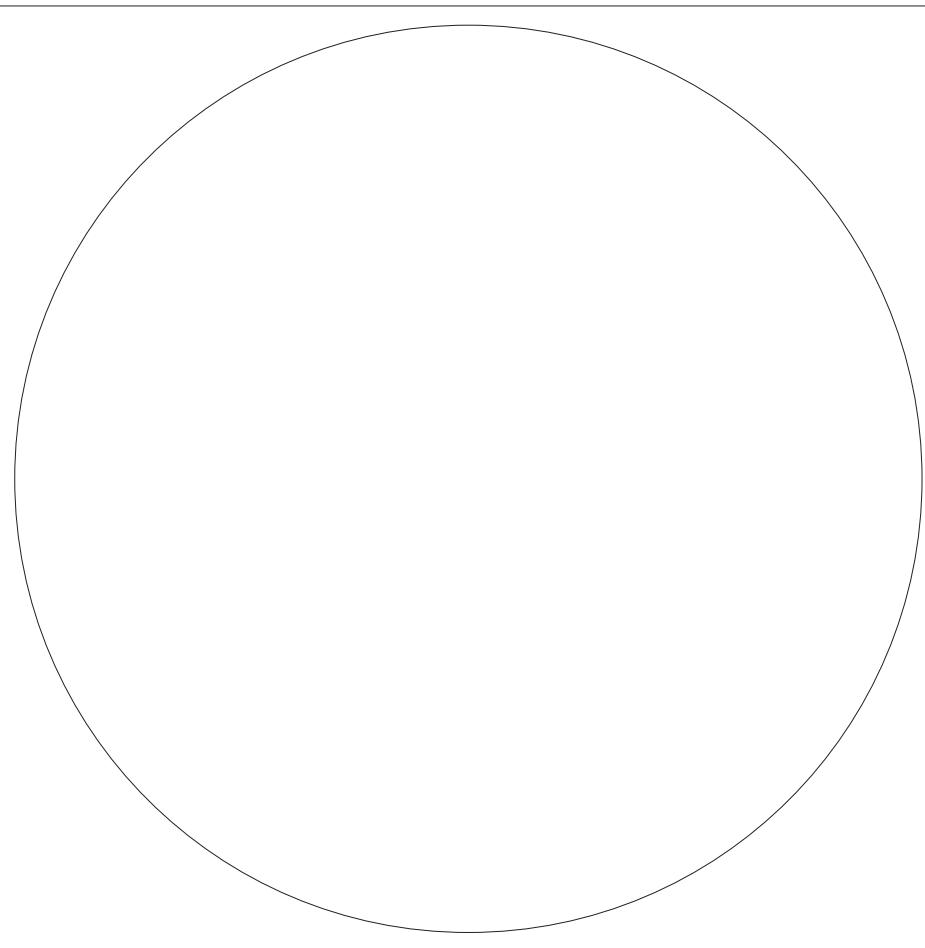
Joana e a banda saem do palco sob aplausos:

– Agora, queridos amigos, o que mais quero é ir para casa!

Assim, Joana deixa o hospital de braços dados com a mãe. Davi, Pedro, Mateus e Bia seguem logo atrás, levando os instrumentos – sinal de que a cantoria vai continuar em outro lugar...



Produção Musical: ACR Produções Musicais | Todas as canções de autoria de Vanessa Maia | Arranjos: Alfredo Sertã e Ronaldo Cotrim | Instrumental: Alfredo Sertã e Ronaldo Cotrim | Cantores: Helen Rodrigues e Ronaldo Cotrim | Cantor Infantil: Pedro Maia.



- |                     |                   |
|---------------------|-------------------|
| 1 – O hospital      | 6 – A febre       |
| 2 – O trem da saúde | 7 – A boca        |
| 3 – O remédio       | 8 – O raio x      |
| 4 – O cateter       | 9 – A nebulização |
| 5 – O chapéu        | 10 – A alta.      |